

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP



Trabalho de Conclusão de Curso:

**Evidências do percurso diacrônico das construções verbais paratáticas
em português**

Orientando: Rafael Colucci
Orientadora: Profa. Dra. Angélica
T. Carmo Rodrigues

ARARAQUARA – S.P.

2014

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP



Trabalho de Conclusão de Curso:
**Evidências do percurso diacrônico das construções verbais paratáticas
em português**

Trabalho elaborado como
Monografia sob orientação da Profa.
Dra. Angélica T. Carmo Rodrigues.

ARARAQUARA – S.P.

2014

Sumário

| | | |
|--------|---|----|
| 1. | INTRODUÇÃO..... | 4 |
| 2. | FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA..... | 6 |
| 2.1 | COORDENAÇÃO E CVPS..... | 8 |
| 3. | METODOLOGIA | 11 |
| 4. | FATORES DE ANÁLISE DE DADOS | 12 |
| 4.1. | COORDENAÇÃO COM COMPARTILHAMENTO DE OBJETO..... | 12 |
| 4.2. | ESTRUTURAS AMBÍGUAS | 14 |
| 4.3. | COORDENAÇÃO FOCALIZADORA | 16 |
| 4.4.1. | "NAS ARMAS" | 17 |
| 4.4.2. | "NO LIVRO" | 17 |
| 4.4.3. | "DO PINCEL" | 18 |
| 4.4.4. | "NUMA AGULHA..... | 19 |
| 4.4. | CVPS..... | 19 |
| 5. | CONCLUSÃO | 21 |
| 6. | BIBLIOGRAFIA..... | 22 |

Evidências do percurso diacrônico das construções verbais paratáticas em português

1. Introdução

Vinculado ao projeto “Gramaticalização de construções em línguas românicas”, que é desenvolvido no âmbito do Departamento de Linguística e do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da FCLAr/Unesp, o trabalho de conclusão de curso que ora apresentamos tem como objetivo a busca de evidências diacrônicas da emergência e desenvolvimento das construções verbais paratáticas (CVPs, daqui em diante). Rodrigues (2006 *inter alia*), tomando como parâmetro de comparação o compartilhamento de propriedades sintáticas, semânticas e pragmáticas entre as CVPs e as construções coordenadas, sugere uma relação de herança entre essas duas construções. Nesta pesquisa, buscaremos, portanto, pistas do estreitamento dessa relação e, se possível, descrever o *continuum* de gramaticalização das CVPs a partir da coordenação.

As CVPs formam-se a partir de dois ou mais verbos flexionados, conectados ou não pela conjunção *e*: “*eu fui (e) comprei um carro*”, “*ele pegou (e) falou*”, “*eu cheguei (e) opereí*” ou “*ela virou (e) falou*”. Estudos prévios (COSERIU, 1977; STEFANOWITSCH, 1999, 2000; e HOPPER, 2002) dão conta da ampla distribuição desse tipo de construção entre as línguas indo-europeias, contudo, questões relacionadas à sua origem diacrônica ainda não foram alvo de um estudo como o que se pretende aqui.

Essas construções são reiteradamente associadas às construções com verbos seriais (CVSs) devido, principalmente, à sua configuração sintática, que pode ser definida pela sequência de dois verbos, V1 e V2, em que V1 e V2 partilham sujeito e flexões modo-temporais e número-pessoais, ligados, ou não, pela conjunção *e*.

As CVPs em uso no português (europeu e brasileiro) formam-se a partir de uma sequência mínima de dois verbos, V1 e V2, em que V1 e V2 partilham sujeito e flexões modo-temporais e número-pessoais. O V1 é quase sempre um dos verbos *ir*, *pegar*, *agarrar*, *chegar*, *virar* e *vir*. O V2, por sua vez, representa uma classe relativamente aberta. Apresentamos a seguir algumas ocorrências representativas dos casos de CVPs com *ir* e *pegar*, respectivamente.

- (1) E- Quem te deu essa bicicleta?
 F- Essa bicicleta foi meu pai que tinha me dado uma. Faz tempo, não é? Desde pequeno. Aí, eu fui conservando ela até agora, aí, **fui troquei por outra maior** e está aí a bicicleta. Não é muito boa não, sabe? Não é boa não, mas está dando para mim passear. (Inf. 02 – Amostra 80)
- (2) (...) depois eu também eu arrumei um rapaz que ele não queria nada, sabe? só queria me explorar, me explorar, explorar eu e minha mãe, sabe? aí, eu... [(inint)]
 E- [Aí o que que] você fez?
 F- Aí, **eu peguei e falei com ele** que não dava mais. (Inf. 04 – Amostra 80)

Em Rodrigues (2006), observou-se que, de fato, as CVPs, em PB, compartilham algumas propriedades com as CVSs, sobretudo no que diz respeito aos padrões de flexão e de negação dessas construções. Todavia, Rodrigues (2006) mostrou também que as CVPs compartilham propriedades com outro grupo de construções, a saber, as construções coordenadas. A autora conclui, portanto, que esse intrincado padrão de semelhanças e diferenças entre as CVPs, as CVSs e as construções coordenadas poderia ser explicado tendo em vista um *continuum* de predicação complexa que se verifica translinguisticamente.

Nesta pesquisa buscaremos, portanto, pistas do estreitamento dessa relação e, se possível, descrever o *continuum* de gramaticalização das CVPs a partir da coordenação. Para isso, restringiremos nossas análises aos casos de CVPs com o verbo *pegar*, tendo em vista dois fatores principais. Em primeiro lugar, devido à alta frequência de uso desse verbo nas CVPs na sincronia atual, o que, acreditamos, permitirá a observação da evolução dessa frequência em diferentes estágios da língua portuguesa. Em segundo lugar, por conta da ambiguidade estrutural já observada sincronicamente em enunciados como (3) abaixo. A partir da análise de casos como (3), Rodrigues (2009) prevê a existência de um tipo de estrutura intermediária, resultante de um processo gradual de mudança, cuja natureza cria espaço para a emergência de construções ambíguas em que, nos casos com *pegar*, não há como afirmar categoricamente se estamos diante de uma CVP ou de uma construção coordenada em que os verbos (*pegar e botar*) das duas orações compartilham o mesmo objeto (*o resto do dinheiro*).

- (3) E- É, isso é uma boa! E o que mais? Mas era muito dinheiro. Que mais que você ia fazer com o resto dois?
 F- *O resto do dinheiro eu pegava e botava na caderneta de poupança*. (Inf. 01 – Amostra 80)

Desse modo, uma vez que a alteração das propriedades sintáticas representa uma forte evidência de gramaticalização, observar os contextos que favoreceram a

decategorização de *pegar*, que nas CVPs deixa de subcategorizar complemento interno (objeto direto), constitui tarefa fundamental para apreender os processos de mudança que levaram à emergência desse padrão construcional no português.

2. Fundamentação teórica

Este trabalho se insere num quadro de investigação funcionalista, da qual uma das prerrogativas é, como atestam Gonçalves *et al.* (2007b, p. 15), a percepção de que o sistema linguístico está em constante renovação, o que traz à tona a noção de "gramática emergente" (HOPPER, 1987), a que subjazem “uma concepção de língua como atividade no tempo real e a postulação de que, a rigor, não há gramática como produto acabado, mas sim constante gramaticalização”.

Assim, uma das vertentes que norteiam nossa pesquisa é a da chamada Teoria da Variação e Mudança, iniciada por Labov (1963). Esse modelo teórico tem por objetivo descrever e analisar a variação e a mudança linguística em seu contexto de uso, rompendo com correntes teóricas anteriores que consideravam a língua como um sistema homogêneo que não sofria influência do contexto social. Isso porque, para a corrente variacionista, as variações sistemáticas da língua são motivadas por fatores intra e extralinguísticos, considerando a pressão social, portanto, como um fator gerador de mudança. Deste modo, pode-se dizer que a língua deve ser vista, sincrônica e diacronicamente, como um sistema heterogêneo, mas sistematizável e passível de análises.

A vertente variacionista, portanto, difere-se das correntes anteriores ao propor uma metodologia de análise que abarque os fatores linguísticos e os fatores sociais, como classe social, faixa etária e escolaridade. Porém, também há outra diferenciação que deve ser considerada: o conceito de regra variável (Labov, 1966). Teorias estruturalistas mantinham a noção de variação livre, porém, Labov apresentou a consideração de que as variações são sempre condicionadas. É este conceito que permite a afirmação anterior: ainda que a língua seja um sistema variável e heterogêneo, ela é passível de análises, uma vez que suas variações são condicionadas.

Porém, ainda que a Teoria da Variação e Mudança seja por si só base suficiente para diversos trabalhos, entram para a idealização e justificativa desta pesquisa alguns conceitos referentes à gramaticalização, ainda que não pretendamos nos aprofundar em todo o conceito e teoria desta, e referentes à Gramática de Construções (GC).

Tradicionalmente, gramaticalização é descrita tendo em vista sua instanciação a partir de itens gramaticalizados ou em processo de gramaticalização. Como salientado em Rodrigues (2008), o termo item, todavia, não deve ser entendido apenas como uma unidade linguística independente. Subjaz aos estudos de gramaticalização a premissa de que as mudanças linguísticas se instanciam a partir de unidades maiores que lexemas, ou seja, em construções. Bybee *et al.* (1994), por exemplo, defendem que novas funções gramaticais emergem em contextos delimitados e específicos ou em construções. Bisang (1998, p.20) postula que a construção fornece um ambiente favorável dentro do qual as unidades sintáticas ou os componentes semânticos podem ser reanalisados. Traugott (2003, p. 645), por sua vez, propõe uma definição de gramaticalização que incluiu a noção de construção. Alternativamente, gramaticalização é definida pela autora como “o processo por meio do qual o material lexical, em contextos pragmáticos e morfossintáticos altamente restritos, é atribuída uma função gramatical, e, se já gramatical, é atribuída uma função mais gramatical ainda, como a de um operador”.

O termo construção, embora seja recorrente na literatura linguística, durante muito tempo foi usado sem que nenhuma corrente científica tivesse se preocupado em descrevê-lo teoricamente. De um modo geral, uma construção é identificada como uma unidade linguística maior do que uma palavra. A abordagem teórica da GC tem como objetivo principal propor, por um lado, uma abordagem teórica do conceito de construção e, por outro, advogar a favor do reconhecimento das construções como unidades básicas da língua.

Os estudos desenvolvidos sob a perspectiva da GC se preocuparam em mostrar, entre outras coisas, que nem toda sequência de palavras dá origem a uma construção. Para a GC, uma construção é definida como uma unidade com forma e significado, cujos aspectos de sua forma e de seu significado não estão previstos pelos elementos individualmente presentes em sua composição nem por outras construções pré-existentes na língua (GOLDBERG, 1995, p. 04).

Trabalhos mais recentes (ROSTILA, 2006; DIEWALD, 2006; TRAUGOTT, 2007; GONÇALVES *et al.*, 2007c, RODRIGUES, 2007 e 2008a, b) têm atentado para a relevância da aproximação dos estudos de gramaticalização e da GC, uma vez que se compreende que as reflexões a respeito do desenvolvimento e funcionamento das construções suscitadas nas análises construcionistas são também relevantes para o estudo dos fenômenos de gramaticalização.

Ao propor uma análise que assume que as construções representam as unidades básicas da língua e oferecer um referencial teórico próprio, a gramática de construções estabelece que qualquer construção da língua, mesmo as mais idiomáticas, constitui rico objeto de estudo. GOLDBERG (1995, 2006), por sua vez, defende que o repertório de construções é um conjunto estruturado e que existem generalizações esquemáticas entre as construções. Segundo a autora, as construções formam uma rede e são ligadas por relações de herança que motivam muitas das propriedades das construções particulares.

Nesta pesquisa estaremos tratando da mudança em relação à gramaticalização, pois procuraremos relações de herança que possam ser explicadas a partir de um processo de gramaticalização. Isto é, utilizando os termos de Goldberg, procuraremos dados que provem a relação de herança entre uma construção A e uma construção B, sendo A a construção fonte, menos gramaticalizada, e a construção B, a construção alvo, mais gramaticalizada, assumindo ainda que a passagem de A para B não é instantânea.

2.1 Coordenação e CVPs

A análise dos casos de CVPs em uso no português brasileiro e europeu fundamentou a hipótese, proposta em Rodrigues (2006) e desenvolvida em trabalhos posteriores (RODRIGUES, 2007, 2008, 2009; RODRIGUES, COELHO, 2012; LONGHIN-THOMAZI; RODRIGUES, 2013), de que essas construções representam um tipo de construção de foco que se gramaticalizou a partir das construções coordenadas.

Embora seja possível propor estágios de avanço de gramaticalização a partir apenas de evidências sincrônicas (HEINE, 2002), a tendência mais forte nos estudos de gramaticalização é relacionar aumento de grau de gramaticalização a sucessivos estágios diacrônicos. Nesse sentido, a investigação que se pretende neste projeto visa a oferecer evidências que possam fortalecer a hipótese da relação de herança entre as CVPs e as construções coordenadas através um estudo sobre a história, emergência e desenvolvimento das CVPs.

Para melhor compreensão do que este trabalho pretende provar e para validar a hipótese de herança, retomaremos as noções de coordenação, procurando elencar os parâmetros que definem essa estrutura. Além disso, procuraremos também expor que, assim como Hopper (2002) já defendeu, a coordenação já carrega consigo uma relação

de foco, que recai sempre no segundo membro da estrutura, ainda que ela seja considerada uma relação em que as orações sejam funcionalmente autônomas.

Para provar essa afirmação fazemos uso de uma visão semântico-pragmática sobre a coordenação, que é construída sobre as bases da articulação em *tema* e *propósito* (Bally, 1965). De acordo com Bally, a coordenação (fórmula C1 C2) ocorre quando (a) C1 constitui um ato de enunciação completo, capaz de funcionar de modo independente, e (b) quando C1 articula-se como o propósito de C2. Desse modo, poder-se-ia afirmar que C1 veicula uma informação que é usada para focalizar a informação trazida por C2; C1 representa, portanto, o tema da oração, enquanto C2 seria o propósito, a informação nova e saliente. Em geral a inversão das orações não altera a regra de *tema* e *propósito*.

Esses critérios defendidos por Bally, como não é de surpresa afirmar, permitem-nos dizer que as CVPs não podem ser analisadas como um caso de coordenação propriamente dito, pois ainda que a relação de foco esteja presente e as estruturas possam ser comparadas (mas não equiparadas, pois se o V1 da CVP estivesse para C1 e o V2 para C2, V1 não age de modo independente, uma vez que perde seu valor gramatical de verbo pleno), há pontos semântico-pragmáticos que diferem as estruturas, além de questões, como agora afirmado, propriamente sintáticas. Essa definição da relação coordenada fortalece nossa hipótese de herança das CVPs, uma vez que a própria estrutura primária já traz a condição de foco que seria ampliado e intensificado por elas.

Entre os critérios que diferem a coordenação das CVPs, temos que C1 pode conter um sujeito diferente de C2, o que não acontece entre V1 e V2, que sempre possuem o mesmo sujeito. Além disso, quando o sujeito é o mesmo na coordenação, normalmente se opta por anáfora zero em V2, mas não há grande alteração semântica caso o sujeito seja repetido; no caso das CVPs, a marcação do sujeito antes de V2 é muito rara e incomum.

Outro aspecto sintático diz respeito à flexão verbal: as orações coordenadas não devem necessariamente compartilhar a mesma flexão, podendo isso acontecer ou não. As CVPs, por outro lado, têm como comum o compartilhamento de flexão.

Por fim, temos a questão da negação. Em casos de coordenação, V1 e V2 podem ser negados individualmente ou não, o que não acontece nas CVPs, nas quais o advérbio

não sempre deve preceder V2, uma vez que este é o responsável por carregar a informação desta estrutura.

Há também dois pontos estruturais relativos às coordenadas que não valem às CVPs. Primeiramente, a ordem de C1 e C2 em geral não altera o significado, excetuando-se casos em que há prioridade lógica, causal ou temporal, havendo certa simetria relativa. Em segundo, se C1 e C2 são independentes funcionalmente, C1 deve permanecer idêntica ainda com a supressão de C2. Essa possibilidade de alterar a ordem dos verbos ou de suprimir o segundo não é sequer cogitada à estrutura das CVPs.

Porém, ainda que haja esses vários pontos divergentes entre as estruturas abordadas, a hipótese de herança ainda pode ser considerada como válida ao se notar construções encontradas diacronicamente que apontam para uma estrutura intermediária entre as coordenadas de fato e as CVPs.

Essas construções fomentam nossa hipótese sobre a relação de herança, uma vez que marcam a possibilidade de as CVPs terem se originado a partir de alterações graduais das propriedades sintáticas e pragmáticas, o que daria margem a essas construções intermediárias e ambíguas. Assim, partindo da premissa de que as mudanças linguísticas ocorrem a partir de construções, Rodrigues (2008) afirma que as CVPs têm seu desenvolvimento vinculado às construções coordenadas, propondo um *cline* de gramaticalidade que representaria a trajetória de variação entre as estruturas:

| | | |
|-----------------------|-----------------------|---------------------|
| <i>Construção 1</i> > | <i>Construção 2</i> > | <i>Construção 3</i> |
| Construções | Construções | CVPs |
| coordenadas | intermediárias | |

Portanto, considerando-se a questão de foco pertinente às relações coordenadas, em que C1, ao mesmo tempo em que se mostra funcionalmente independente, serve para introduzir C2, que traz a informação realmente nova e saliente, e a hipótese da estrutura intermediária apontada por Rodrigues, pode-se considerar uma forte possibilidade de que as CVPs, de fato, originaram-se das coordenadas.

3. Metodologia

Os dados que foram analisados foram coletados do CORPUS DO PORTUGUÊS (CP), *corpus* criado pelo Dr. Mark Davies e Dr. Michael J. Ferreira, com o apoio de suas respectivas universidades, Brigham Young University e Georgetown University. Para a construção deste *corpus*, os pesquisadores utilizaram diversas fontes, gerando um acúmulo de material com mais de 45 milhões de palavras de quase 57 mil textos, sendo os textos em português encontrados entre os séculos XIV e XX.

Quanto à metodologia de análise dos dados, como os dados encontrados não formaram um *corpus* muito extenso, pudemos proceder com a quantificação dos dados manualmente, sem a necessidade de programas.

A princípio, com base em estudos anteriores sobre o fenômeno, havia-se decidido pela procura por dados que se enquadrassem nos seguintes aspectos:

1. Casos de coordenação com compartilhamento de objeto: uma vez que o nosso objetivo é provar a relação de herança das CVPs com a coordenação, selecionamos os casos de coordenação em que o objeto de *pegar* e de V2 era o mesmo, pois acreditamos que, por haver esse compartilhamento de objeto, com o passar do tempo poderia ocorrer a elipse de um dos termos.
2. Estruturas ambíguas: as estruturas ambíguas representariam, segundo o *cline* proposto por Rodrigues, o segundo estágio para o surgimento das construções verbais paratáticas. Assim, as estruturas em que foi encontrada uma sequência de dois verbos mais um objeto, sem ser, entretanto, possível afirmar se este era compartilhado com *pegar* (estando, portanto, elíptico) ou não, também estavam marcadas para serem coletadas.
3. Casos de CVP: como pretendemos reforçar o desenvolvimento desta estrutura a partir das coordenadas, ao tempo em que procuramos evidências diacrônicas dessa mudança, os casos de CVPs seriam coletados para serem analisados em conjunto com o *corpus* e também como evidência desse tipo de construção em sincronias pretéritas.

Porém, durante o processo de coleta, uma estrutura não prevista anteriormente se mostrou repetitiva e, também, apresentou-se como uma estrutura válida para ser acrescentada ao nosso *corpus* e analisada com as outras. Os casos relativos a esta estrutura, assim, configuraram um quarto grupo:

4. Casos de coordenação focalizadora: como será exposto posteriormente, essa estrutura já intensifica a questão de focalização relativa à coordenação comum. Afirmamos isso, pois, nestes casos, a oração formada por *pegar* + objeto apresenta, de um ponto de vista pragmático, menor peso informacional, ainda que o verbo mantenha seu valor sintático semântico. São casos, genericamente, similares a: "Pegou na pena e escreveu a carta".

No total, a coleta realizada no Corpus do Português obteve 52 dados, divididos em: 22 casos de coordenação com compartilhamento de objeto; 14 casos da chamada coordenação focalizadora; 6 casos de construções ambíguas; e 10 casos de CVPs.

4. Fatores de análise dos dados

Nesta seção analisaremos os tipos de construções encontradas no *corpus*. Além disso, apontaremos a relevância de cada grupo de fator analisado para cada tipo de construção.

Os grupos de fator serão expostos seguindo o *continuum* de gramaticalização, sendo exposto e comentado primeiro o grupo de fator com a construção menos gramaticalizada e seguindo até o grupo mais gramaticalizado.

4.1. Casos de coordenação com compartilhamento de objeto

Coletamos os 21 casos de casos de coordenação em que há compartilhamento de objeto entre os verbos da primeira e da segunda oração coordenada. Esse tipo de construção nos interessa pois apresenta um contexto favorável à emergência das CVPs, constituindo o tipo de construção que poderia ser alocado no início do *cline* de gramaticalização proposto por Rodrigues (2006) e Longhin-Thomazi (2011). Nossa hipótese é a de esse compartilhamento de objeto possa favorecer a referência anafórica (principalmente anáfora zero). Interessa-nos principalmente os casos em que o objeto é apagado na primeira oração, pois assim se apresenta um contexto que favorece o

apagamento do complemento do verbo *pegar*., Ainda que não haja estudos até o momento que comprovem especificamente a tendência ao apagamento do objeto em casos de correferencialidade de complemento na coordenação em português, há uma tendência do apagamento de elementos idênticos, sendo eles de natureza nominal ou verbal, nessas estruturas, como se pode ver em Langacker (1972, *apud* PAREDES SILVA, 2001).

Na análise qualitativa feita desses dados, não foi privilegiado nenhum possível sentido do verbo *pegar*, pois nenhum sentido demonstra maior ou menor possibilidade de originar uma estrutura ambígua. Casos relativos ao uso do verbo em conjunto a figuras de linguagem ou a questões de estilística do locutor, por exemplo, não alteram a análise. Além disso, questões relacionadas às regências específicas dos verbos das orações que possam ter gerado uma diferenciação na apresentação do objeto não geram empecilhos à análise. Veja em 4:

(4) "corpo parecia reger-se por leis próprias - senão de correria e sob o empurrão de alguma grande urgência. Talvíio imaginou que a filha se lhe tinha tornado descuidada devido à influência da criança que, isso o sabia ele bem, sem querer, desnor-teava, fazendo uma pessoa andar à roda, desencontrada dos seus próprios pensamentos. E, livre como agora se sentia, tanto do anseio em que o pusera Natalina quanto de obrigações nos laços de família, #60 já que a mulher e Berta, de conluio, o haviam começado a tratar como um estranho, pôde **pegar no assunto** e comentá-lo, como se a insensatez da rapariga só muito vagamente lhe dissesse respeito. #61 XIII Falou Talvíio à mesa do Café, mais por fazer conversa, tomando-se a si mesmo como interlocutor, do que por precisão de entrar em confidências. Assim, disse ele, entre dois goles: « A rapariga vai estragar tudo em casa dos Amores». E os parceiros, que muito modorravam, brevemente espertaram para o que lhes parecia um começo de intriga. « Que rapariga?», perguntaram com os" (CP. Correia, Hélia. *Insânia*. 1996.)

Considerando o caso apresentado, a regência indireta de *pegar* (pegar "em alguma coisa") e a regência direta de *comentar* (comentar "algo"), que geram a diferenciação de "no assunto" e "o assunto", não alteram o fato de que o objeto da estrutura é apenas um. Este exemplo também apresenta um sentido metafórico, uma vez que o objeto possui o traço [+ abstrato] e, como dito acima, isso não altera a validade do dado para esta pesquisa.

Há, porém, um caso que será exposto a fim de tornar claro o porquê de termos considerado o dado como coordenação e não como uma possível construção ambígua. Segue abaixo:

(5) "... Nego Moçambique: Você vai na Argentina e vê bandas que misturam letras em inglês e espanhol. Parece que lá é mais " mundoö do que aqui. As pessoas não estão se importando muito se os caras estão cantando em espanhol, em inglês, se tem uma exigência de que seja tango para ser

música argentina. Isso parece ser uma coisa bem do Brasil. De tentar valorizar o que é local com um comportamento ufanista. E a grande onda do Brasil sempre foi a antropofagia, né? Bitmag: Antropofagia em que sentido? Nego Moçambique: **Pegar** e cuspir aquilo de volta, devorar e transformar em outra coisa. O que é o afro beat na África, a música do Fela Kuti? É a música negra africana que vai pro Estados Unidos, vira funk e soul e depois retorna pra África. Ela é regurgitada uma terceira vez. Os africanos devolvem a mesma música que eles geraram num terceiro formato que os americanos nunca iam conseguir fazer. Mais antropofágico que isso é impossível. A onda do Brasil se parece mais com isso. Eu quando" (CP. *Nego Moçambique*.)

Considerando todo o contexto, poder-se-ia considerar que Nego Moçambique usou o verbo *pegar* com a intenção de focalizar a ação seguinte, *cuspir*. Porém, se isolarmos o trecho "Pegar e cuspir aquilo de volta, devorar e transformar em outra coisa.", percebemos que todo ele tem "aquilo" como objeto: devorar aquilo, transformar aquilo e cuspir aquilo. O paralelismo existente entre os trechos "pegar e cuspir aquilo de volta" e "devorar e transformar em outra coisa", com dois verbos representando uma ação anterior e uma posterior realizada com "aquilo" para que haja a transformação em "outra coisa" também nos permite a afirmação de que se trata de elipse do objeto.

4.2. Estruturas ambíguas

As estruturas ambíguas representam o segundo estágio no *cline* de gramaticalização das CVPs. Ao analisá-las, não se nota se houve intenção do locutor de usar da elipse para não repetir o objeto desnecessariamente, o que caracterizaria um caso de coordenação, ou se encontramos uma estrutura mais típica de CVP.

Os casos, de modo geral, apresentam-se como o seguinte:

(6) algum jogo de prendas, tudo familiar. João Viegas é escrivão de uma vara cível da Corte. - Vamos. Quem começa agora? disse ele. Há de ser D. Felismina. Vamos ver se alguém lhe ama em segredo. D. Felismina sorriu amarelo. Era uma boa quarentona, sem prendas nem rendas, que vivia espiando um marido por baixo das pálpebras devotas. Em verdade, o gracejo era duro, mas natural. D. Felismina era o modelo acabado daquelas criaturas indulgentes e mansas, que parecem ter nascido para divertir os outros. **Pegou e lançou os dados** com um ar de complacência incrédula. Número dez, bradaram duas vozes. Rangel desceu os olhos ao baixo da página, viu a quadra correspondente ao número, e leu-a: dizia que sim, que havia uma pessoa, que ela devia procurar domingo, na igreja, quando fosse à missa. Toda a mesa deu parabéns a D. Felismina, que sorriu com desdém, mas interiormente esperançasada. Outros pegaram nos dados, e Rangel continuou a ler a sorte de cada um. (CP. Assis, Machado de. *O Diplomático*.)

Como se nota, não se pode afirmar que não há a elipse de "os dados" no que poderia ser a primeira oração de uma coordenação. Contudo, igualmente não se mostra possível afirmar que o verbo *pegar* não foi usado apenas como forma de focalizar a ação de lançar os dados.

Outro caso que exemplifica as estruturas ambíguas encontradas é:

(7) "não tem estado bom em virtude de dificuldades financeiras enfrentadas pelo casal. Atualmente o declarante reside na casa dos avós, ao passo que Lurdes e a filha de três meses se encontram na casa de Nilce" (mãe de Lurdes). Em outra história, o jovem casal vivia com os pais da jovem esposa. O pai dela não gostava do genro e sempre discutia, até que em uma dessas discussões, o concunhado do pai da jovem interviu e foi morto pelo jovem genro. O sogro testemunhou sobre o jovem genro: "Eu não gosto dele porque ele pegou e colocou minha filha na casa dos outros, depois chegou e colocou minha filha de volta na minha casa. Jogou nas minhas costas./ Ele tinha que alugar uma casa, porque a pessoa que casa quer casa. Não é que tinha raiva, acho que tinha que ser certo. A gente trabalhando para manter todos lá./ Ele fala que é policial, depois fala que é segurança, daqui a pouco trabalha de marceneiro, só que a gente fica em dúvida, porque não tem aquela coisa certa" (Ferreira, Maria Inês Caetano, "Homicídios na periferia de Santo Amaro Um estudo sobre a sociabilidade e os arranjos de vida num cenário de exclusão")

Nesse caso, ainda que não seja o comum imaginar o *pegar* sendo usado com o mesmo sentido com que foi usado em (8), que seria o sentido literal de *agarrar*, *segurar*, ainda percebemos que não se nega que o personagem de fato segurou a filha e colocou em outra casa ("pegou minha filha e colocou minha filha"), ainda que o *pegar* também possa ter sido usado com o intuito de focalizar a ação de "colocar a filha na casa dos outros".

(8) "cérebro morre muito mais depois (4s) eles não morrem ao mesmo tempo - mas esse tempo - é assim: é questão de minutos - segundos - então é: rápido - não é muito depois - mas um segundo dentro da vida vale um bocado de coisa - não de jeito nenhum - entende? - () - eu não acredito não - que vala tanta coisa assim que valha tanta coisa assim - () ((ri)) - ((ri)) - você usa as suas mãos pra quê? - pra quê? - uhm: - pra pegar acariciar - qual o mais importante pegar ou acariciar? - é sentir as coisas não é? - é:? - é: - as sensações que elas transmite a todo o meu corpo através dela - se você não tivesse uma das mãos? - eu pego e sinto - e se você não tivesse uma das mãos? - aí seria - que é que você faria com a outra? - eu usaria o mais possível ora - tá entendendo? - quando o ser humano perde um: um:" (CP. Linguagem Falada: Recife: 230)

Nesse trecho há a indagação sobre para o que o sujeito usa as mãos, sendo dada a resposta "pra *pegar* acariciar". Essa estrutura poderia ser considerada como um caso de CVP tipo 2, ou seja, sem sequer a conjunção aditiva. Porém, essa resposta é rebatida com a pergunta "qual o mais importante: *pegar* ou acariciar?", e a nova resposta do sujeito distancia-se do aspecto físico do ato, focando no "sentir" e diluindo a dúvida. Assim, torna-se impossível definir se, a princípio, o falante teve a intenção de enumerar

duas ações "pegar (alguém) e acariciar (alguém)", o que validaria a dúvida do outro indivíduo da conversa, ou se o segundo indivíduo não compreendeu a CVP e, com sua pergunta, fez o sujeito recorrer a outro verbo para ser entendido.

5.4. Coordenação Focalizadora

A estrutura que chamamos de Coordenação Focalizadora (CF) não havia sido prevista pelos estudos anteriores, e mostrou-se presente em dados do século XVII até o XX.

Estruturalmente, a CF configura-se como uma coordenação comum. Os dados coletados apresentam estruturas com dois verbos, sendo que C1 e C2 possuem seus respectivos e diferentes complementos, evitando até mesmo a estrutura ambígua já apresentada. Porém, a aparição constante de um dos complementos de C1 chamou a atenção durante a coleta. Este se mostrou em construções similares à seguinte:

(9) "Estando para **pegar na pena** e escrever a Vossa Mercê estas breves regras, chega o correio." (CP. Chagas, Antônio d. *Cartas Espirituais*. 1665)

Como se percebe, C1 traz uma informação pouco saliente ao ato de comunicação do que a expressa em C2. Sendo este dado de 1665, é natural que escrevessem todos com penas, o que torna a exposição do ato de "pegar na pena" uma informação inferível, um pressuposto, uma vez que o ato de escrever já pressupunha o ato de pegar uma pena. Visto isoladamente, pode-se pensar em motivações estilísticas do autor, que optou por expressar o ato da escrita em dois eventos.

Porém, a estrutura utilizando o complemento "na pena" foi encontrado em 9 dos 14 casos, estando presente em obras de autores como Camilo Castelo Branco e Machado de Assis. Ainda que possa de fato estar ligada a uma questão estilística dos autores, poder-se-ia considerar que essa estrutura seja usada não necessariamente por escolha consciente de quem as escreve; interessa-nos, porém, a divisão de um único evento completo ("escrever", genericamente) em dois subeventos ("pegar em algo" e "escrever"). Vistas desse modo, a exposição de um ato anterior ao ato de maior importância pode ter a função de chamar a atenção do leitor e criar foco para o segundo acontecimento. Teríamos, assim, uma intensificação na relação de *tema* e *propósito* da coordenação.

Atentando a esta estrutura, encontramos outros cinco casos similares, que se utilizam dos quatro seguintes complementos: "nas armas", "no livro", "do pincel" e "numa agulha", que serão expostos individualmente, para que possamos defender o porquê de os considerarmos CF.

5.4.1 "nas armas"

(10) "espantosa multidão dos Galos sem disciplina; quem lhes daria forças contra os agigantados corpos dos Germanos; quem os aconselharia a desprezar o poder e arrogância dos Hispanos; quem os levaria a contrastar os estratagemas e a riqueza da África; quem finalmente lhes infundiria animo para vencer a arte e prudência dos Gregos, senão a boa disciplina, alcançada pelo contínuo exercício, pelo incansável estudo da arte da guerra e pela religiosa observância do juramento? Tão honrado era o nome de soldado e tão santas as obrigações militares nos bem-aventurados dias daquela famosa gente, que era quase sacrilégio **pegar nas armas** e servir na guerra quem antes, com solene juramento não houvesse sido instalado na ordem da milícia! De Catão se conta que, licenciando Pompílio uma legião na qual militava o filho daquele grande patrício, e querendo o generoso mancebo ficar no exército, o velho e sisudo pai, zeloso dos antigos costumes das leis militares e da severidade da disciplina, foi o primeiro que protestou pela observância, escrevendo a Pompílio, que não consentisse seu filho na tropa sem tomar-lhe segundo juramento, pois sem esta" (CP. Garçon, Correia. *Obras Completas*. 1756)

Observando-se esse caso, percebemos que se fala sobre a honra de ser um soldado, estar no exército e defender o país. Analisando a estrutura "[...] era quase sacrilégio *pegar nas armas* e servir na guerra...", nota-se a obviedade de C1, uma vez que se entende naturalmente que, para participar de uma guerra, deve-se "pegar em armas". Nota-se também a intenção de dar ênfase a essa honra por meio da afirmação de que lutar sem ter entrado na milícia era quase sacrilégio, o que pode reforçar nossa suposição de que C1 (no caso, "pegar nas armas") tenha prioritariamente a função de apresentar, chamar a atenção para o segundo e importante ato (no caso, "servir na guerra").

5.4.2. "no livro"

(11) "até Viana todos pareciam preocupados e tristes. O médico olhava para a filha do Coronel, sem reparar que os olhos de Lívia seguiam os seus e como que buscavam ler por eles os sentimentos do coração. Raquel esquivava-se às atenções do médico. Em certa ocasião, porém, - achando-se Félix mais afastado, - aproximou-se dele com um livro. - Já leu este romance? perguntou ela. - Deixe ver disse Félix, convidando-a com um gesto a sentar-se. Raquel não se sentou; estendeu-lhe o livro, e olhou com insistência para o médico. Félix **pegou no livro** e consultou a primeira página; ia voltar distraidamente a segunda, quando lhe caiu nos joelhos um papelinho dobrado. Raquel voltou assustada a cabeça para lado de Lívia, que de pé, junto do piano, tirava notas soltas do teclado, sem olhar para o grupo. Raquel fez ao médico um sinal de silêncio e afastou-se dele. Félix guardou o papel no bolso. "

Quase uma criança " ia ele pensando quando se retirava para casa depois do chá. Quando ali chegou não se deu" (CP. Assis, Machado de. *Ressurreição*.)

(12) "costume e o mesmo ar abatido. - Como vai a minha doente? disse familiarmente o dr. Avelar. - Mal. - Mal? - Horrorosamente mal.. Que lhe parece o pulso? Avelar examinou-lhe o pulso. - Regular, disse ele. A tez está um tanto pálida, mas os olhos parecem bons.. Houve algum ataque? - Não; mas sinto-me desfalecida. - Deu o passeio que lhe aconselhei? - Não tive animo. - Fez mal. Não passeou e está lendo.. - Um livro inocente. - Inocente? O médico **pegou no livro** e examinou-lhe a lombada. - Um livro diabólico! disse ele atirando-o para cima da mesa. - Por quê? - Livro de poeta, livro para namorados, minha senhora, que é uma casta de doentes terríveis. Não se curam eles; ou raramente se curam; mas há pior, que é adoecerem os sãos. Peça-lhe licença para confiscar o livro. - Uma distração! murmurou Paula com uma doçura capaz de vencer um tirano. Mas o médico mostrou-se firme. - Uma perversão" (CP. Assis, Machado de. *A Última Receita*.)

Nos dois casos, percebe-se que os diálogos são construídos claramente em torno dos respectivos livros. Por exemplo, no trecho:

(11a) "Raquel não se sentou; estendeu-lhe o livro, e olhou com insistência para o médico. Félix **pegou** no livro e consultou a primeira página"

Pelo contexto e proximidade da ação de Raquel de entregar o livro, o autor poderia ter escolhido expor que "Félix consultou a primeira página", pois estaria claro que era a primeira página do livro entregue. Porém, o autor constrói duas ações em vez apenas de uma, a de consultar. Se considerarmos a falta de necessidade de expor a ação de "pegar no livro", temos um caso de CF, pois C1 basicamente introduz o ato de real importância do trecho.

5.4.3. "do pincel"

(13) "Ai!* que são horas* Teresa* vamos para casa, que teu pai, assim que dá meio-dia* quer ver o jantar na mesa. E, circunvagando a vista pelas paredes do quarto, exclamou: --O que aqui vai de painéis! Deixa-me ver isto, que é tão bonito! Enquanto ela se abeirava dos quadros e fazia as suas reflexões mais ou menos tolas* Teresa* que não a seguira, olhava a fito para Guilherme* que a conlemplava com a penetrante fixidez não sei se da arte se do coração. O que sei é que ele, de repente, **pegou do pincel** e retocou no retrato as sombras que orlavam as pálpebras* alternando olhares avarentos entre o original e a cópia. Teresa de Jesus, neste lance* como não pudesse voltar o rosto* coloriu-se de um vivíssimo escarlate* como se os olhos do seu retratista lhe levassem à face o ardor dos primeiros beijos. #136 A mae* voltando a cabeça para convidar a filha a ir ver uma coisa, deu tento daquele colóquio mudo e achou a filha íaio vermelha que, se o pintor não estivesse desviado e ocupado no retoque" (CP. Castelo Branco, Camilo. *A viúva do enforcado*.)

Caso similar ao "da pena" - para retocar um retrato, usa-se um pincel. Assim, ainda que o contexto aqui não se mostre favorável à nossa afirmação como em 3.4.1. e 3.4.2., uma vez que não há a repetição do complemento nem a clara intenção de focalizar o ato de retocar retratos, nota-se o menor peso informacional de C1 e sua

função de apresentar e tornar mais claro o ato mais importante, o de retocar as sombras do retrato.

5.4.4. "numa agulha"

(14) " Bem! Não val' zangar-se. (Colocando duas cadeiras de cada lado da poltrona) Senta-te aqui Ramiro. (Fá-lo sentar-se na primeira cadeira a começar da esquerda) Rosinha, tu aqui. (Na segunda) O Senhor Moreira ali. (Na quarta) e eu aqui. (Na terceira. - Estão Todos sentados na seguinte ordem, a começar da esquerda: Ramiro, Rosinha, Dona Perpétua, Lopes, Moreira) Gonçalo (De pé) - E eu? Dona Perpétua - Fica onde quiseres. Enquanto deliberamos, vai lá dentro, **pega numa agulha** e cose. (Gonçalo procura com a vista uma cadeira, e, não a encontrando, vai debruçar-se na sacada ao fundo, ficando de frente para a cena) Dona Perpétua - Está aberto o conselho de família. Ramiro (Erguendo-se) - Tomo a palavra. Reuni-os para comunicar-lhes uma idéia grandiosa que há duas horas me anda dançando no cérebro. Lopes (A uma cara de Dona Perpétua) - Não se assuste com essa coreografia, mana. Ramiro - Nós possuímos um escravo." (CP. Azevedo, Arthur. *O Liberato*.)

Esse caso é similar ao anterior: ainda que o contexto não seja favorável como o é nos três primeiros casos, tem-se a questão de que, para coser, deve-se pegar uma agulha de coser. O fato de o ato de coser pressupor o ato de pegar a agulha possibilita a afirmação de que C1 possui prioritariamente a função de focalizar o ato expresso em C2, em detrimento de seu valor informacional.

5.3. CVPs

Como já dito, em nossa coleta foram encontrados dez casos de CVPs propriamente ditas, dos quais cinco configuram-se como sendo do Tipo 1, com a presença do conectivo, e cinco apresentam-se sem conectivo, pertencendo ao Tipo 2. Não nos repetiremos nesta parte quanto a explicar a estrutura, visto que nosso objeto de estudo foi devidamente apresentado anteriormente. Assim, iremos apenas apresentar os pontos diferenciados dos dados.

Como exposto anteriormente, um dos pontos diferenciais entre as estruturas é a flexão verbal, pois V1 e V2 tem como constante a mesma flexão quando formam uma CVP. Confirmando a afirmação, a maioria dos dados apresentaram-se desse modo. Houve, porém, um caso que fugiu à regra, não havendo correferencialidade modo-temporal.

(15) "olha eu estou muito bem aqui (que) como que vai chegar para me propor um negócio " não é? então é como falar é como chegar - precisa-se ser artista - e tem outro problema difícil que cria - para ah - em relação aos familiares - em relação a famílias muito grandes - e e amigos - então acha porque a pessoa trabalha com isso - é fácil de arranjar emprego - então - fulano de tal - sempre foi - um menino mais estudioso - não é? tirou diploma com com menção honrosa não sei o que taratata - **pega e mandam** procurá-lo porque acham que ele tem - condições para para arranjar - e se ele não atranja - tem muita gente que fica chateada ou pelo menos desapontada - né? * e - não é fácil* contentar -. contentar - então isso acontece muito (então ele) vai cada abacaxi - que ele não sabe como - porque todo mundo tem algum amigo - (que precisa) que - que precisa - que é uma pessoa ótima - que tem muita experiência - que não sei quê que..." (CP. orBr-LF-SP-2:360)

O dado foi extraído de *corpus* da fala, claramente sem grande pressão social que poderia forçar o falante a monitorar sua fala e concordar todos os verbos presentes no trecho do mesmo modo. Essa pode ser uma das causas para a ocorrência mais comum das CVP. Contudo, atentamos ao fato de que, dos dez dados de CVP, cinco são da modalidade oral e quatro apresentam a mesma flexão.

Atentamos também que, na coleta realizada para este trabalho, foi na modalidade oral que a CVP Tipo 2 mostrou-se mais constante: dos cinco casos encontrados, três são dados orais e dois são escritos; estes, porém, reproduzindo a fala tipicamente caipira:

(16) "falta o rabo. Machadinho - À idéia? Arruda - ao foguete. Machadinho - Comprometo-me pela construção do aparelho! Arruda - O foguete há de assubir do morro mais arto que houvê no Rio de Janeiro! Machadinho - Certamente. Arruda - Duma feita em qu' o céu tivê bem limpo, e não chuvá nem trovoada tão cedo. Silva - Isso é que há de ser difícil! Arruda - Difíce? Tenho aqui o tira-teima, home! (Tirando um folheto do bolso) O Armaque do Ayer! Isto é aquela certeza. Se ele **pega diz** que não chové, é porque não chove memo. Augusto (À parte) - Em que dará tudo isto? Arruda - Vamo passá o entrudo na Lua: ao menos o terceiro dia há de ser muito adivertido! Luís - Mas, papai, a empresa é muito dispendiosa. Arruda - Sou pobre de rico, louvado seja Deus Nosso Senhor Jesus Cristo! Pra cobri de glória a minha terra, não olho sacrafício. Luís - Mas.. Machadinho (À parte, a Luís) -" (CP. Azevedo, Arthur. *Nova Viagem à Lua*)

Por fim, dois casos mostram verbos devidamente justapostos, como em (16), e três dados apresentam um intervalo entre os verbos, que foi representado por vírgulas, como em (17):

(17) "ia passar. E então, pôs-se lá detrás (..) - não sei se era de mato, se que era - com aquela silva posta assim nas mãos. Tinha coragem. Porque ela gostava dele. E disseram-lhe: " Olha, (..) só quebrando-lhe o encanto, só fazendo-lhe sangue " Mas quem é que lhe ia fazer o sangue? Ela **pegou, arranjou** essa silva - chama-se a (..) silva-macha - e foi então para lá com ela, e quando ouviu (..) o cavalo a trepar, a trepar, ela **pegou, fez, estendeu** aquela silva fora, os picos vão (..) conforme estão estes meus dedos. INF1 Macha. Pois. INF2 O cavalo ia a passar, ela puxou-a - porque com o andamento do cavalo, passou a silva - e fez-lhe sangue - no cavalo, não foi nele. Mas ele ia transformado no cavalo.. Pronto, ficou o príncipe ali de pé, (..) ao pé dela. Olhou, e vem ela. Ora quanto ele não ficou satisfeito! Abraçou-se a" (CP. Cordial: PFT25)

5. Conclusão

Com o trabalho efetuado no CORPUS DO PORTUGUÊS, percebemos que a busca de dados diacrônicos que ajudem a encontrar e analisar a emergência e gramaticalização das construções verbais paratáticas no português deve ser expandida para outros *corpora*, a fim de possuir um maior conjunto de ocorrências de cada fator de dados apresentados para uma melhor análise sobre como o processo de gramaticalização possa ter começado.

Quanto aos objetivos propostos por este trabalho, encontramos uma situação que favorece a decategorização do verbo *pegar* na coordenação com compartilhamento de objeto, que pode levar à elipse do objeto do verbo e à sua possível perda total, sendo um contexto que favorece o surgimento das CVPs.

No que se refere à dessemantização do verbo, notamos as situações em que o objeto mostra-se em sentido metafórico e abstrato, como *pegar no assunto* ou *pegar nos versos*. Além disso, ainda que não tenhamos tido um levante de dados que nos permita tecer conclusões mais sólidas a respeito do evento, destacamos a estrutura que chamamos de coordenação focalizadora, que não havia sido alvo de atenção em trabalhos posteriores e que também favorece a dessemantização do verbo, bem como apresenta-se como um provável contexto de surgimento das CVPs. Maiores estudos sobre como é construída a relação de foco entre C1 e C2 desta estrutura, assim como sobre as diferenças semântico-pragmáticas existentes entre ela e a coordenação comum, podem fortalecer uma nova hipótese sobre o surgimento das CVPs, uma vez que a intensificação do valor focalizador de C1 encontrado na CF poderia levar à anulação do objeto de V1 para alcançar o máximo de focalização, sendo este característico, justamente, das CVPs. Deve-se, também, elaborar uma maior procura de dados para mais clara delimitação e análise do período de ocorrência da estrutura, uma vez que, no *corpus* utilizado para a realização desta pesquisa, os dados parecem ocorrer do século XVII ao XX, sem ocorrências posteriores, o que exige uma melhor investigação.

6. Bibliografia

- BYBEE, J. **Mechanisms of change in grammaticalization: the role of frequency.** In: Joseph, B.; Janda, R. (eds.) *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003.
- COSERIU, Eugene. **Tomo y me voy. Um problema de sintaxis comparada europeia.** In: *Estudios de Linguística Românica*. Madrid: Editorial Gredos, 1977, p. 79-151.
- CROFT, W. **Radical Construction Grammar. Syntactic Theory in Typological Perspective.** New York: Oxford University Press. 2001
- DIEWALD, Gabriele. **A model for relevant types of contexts in grammaticalization.** In: Ilse Wischer & Gabriele Diewald. Eds.. *New Reflections on Grammaticalization. International Symposium, Potsdam, 17-19 June, 1999.* Amsterdam: Benjamins. 2002.
- _____. **Context types in grammaticalization as constructions.** *Constructions SV1-9/2006* (www.constructions-online.de, urn:nbn:de:0009-4-6860, ISSN 1860-2010). 2006.
- GIVÓN, Talmy. *Syntax: A Functional-Typological Introduction, Vol 2.* Amsterdam: Benjamins.
- _____. **Functionalism and Grammar.** Philadelphia: John Benjamins. 1990.
- GOLDBERG, A. E. **Constructions. A constructional grammar approach to argument structure.** The University of Chicago Press: London. 1995.
- GONÇALVES, S. C. L.; LIMA-HERNANDES, M. C. & CASSEB-GALVÃO, V. C.. Orgs. **Introdução à Gramaticalização.** São Paulo: Parábola Editorial. 2007.
- HEINE, B. **Grammaticalization as an explanatory parameter.** In: PAGLIUCA, W. (ed.) *Perspectives on grammaticalization.* Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company. p. 255-287. 1994.
- HEINE, B., CLAUDI, U. & HUNNEMEYER, F. **Grammaticalization: a conceptual framework.** Chicago: The University of Chicago Press. 1991.
- HEINE, Bernd. **Grammaticalization.** In: Joseph, Brian & Richard D. Janda (eds) *The handbook of historical linguistics.* Oxford: Blackwells. 2003.
- HOPPER, P. J. **Emergent Grammar.** In: *Berkeley Linguistics Society*, vol. 13, p 193-157. 1987.
- _____. **Hendiadys and Auxiliation in English.** In: Bybee, J. & M. Noonan (eds.) *Complex sentences in grammar and discourse: essays in honor of Sandra A. Thompson.* Philadelphia: John Benjamins. p. 145–173. 2002.
- HOPPER, P. J. & TRAUGOTT, E. C. **Grammaticalization.** Cambridge: Cambridge University Press. 1993.
- ILARI, R. **Perspectiva funcional da frase portuguesa.** 2.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.
- KAY, P. & FILLMORE, C. J. **Grammatical Constructions and Linguistics Generalizations: The *What's X doing Y?* construction.** In: *Language*, Volume 75, Number 1 – p. 1-33. 1999.
- LAMBRECHT, K. **Information structure and sentence form: topic, focus, and the mental representations of discourse referents.** Cambridge: Cambridge University Press, 1996.
- LEHMANN, Christian. **Towards a typology of clause linkage.** In Haiman, John e Sandra Thompson (eds) *Clause Combining in Grammar and Discourse.* Philadelphia: John Benjamins. p.181-225. 1988.
- _____. **Thoughts on Grammaticalization.** Munchen, Newcastle: Lincon Europa. (1982)1995
- _____. **Information Structure and Grammaticalization.** In; López-Couso, M. J. & Seoane Posse, E. (eds.). *Theoretical and empirical issues in grammaticalization 3.* Amsterdam & Philadelphia: J. Benjamins (Typological Studies in Language, 77). 2008.

MARTELOTTA, M. E. & AREAS, Ed. K. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: Cunha, M.A.F.; M.R. Oliveira & M.E. Martelotta (orgs.). *Linguística Funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A. 2003.

PAREDES E SILVA, V.L. **Tipos de oração e expressão do sujeito pronominal**. In: *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 5, n. 9, p. 151-160, 2º sem. 2001

RODRIGUES, A. T. C. **Eu fui e fiz esta tese: as construções do tipo *foi fez* no Português do Brasil**. Tese de doutorado defendida no IEL/Unicamp. 2006.

_____. **O uso de pegar como “sequenciador intensificador”: Gramática de Construções e Contexto de Gramaticalização**. Trabalho apresentado no 55º. Seminário do Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo. Franca/SP, 26-28 de julho, 2007.

_____. **Ir e pegar nas construções do tipo *foi fez*: gramática de construções de contexto de gramaticalização**. In: Castilho, Ataliba. *História do Português Paulista*. Série de Estudos, Vol. 1. Parte III, Capítulo 9. Campinas/SP, Setor de Publicações do IEL/UNICAMP. 2008.

_____; LONGHIN-THOMAZI, Sanderléia Roberta. **Coordenação em foco: relações pragmáticas de foco em construções complexas**. Suplementos de Lusorama (Germany), v. 85-86, p. 107-136, 2011.

_____; COELHO, C. M. **As construções verbais paratáticas: gramaticalização em Português Europeu**. *Revista Portuguesa de Humanidades*, v. 16-1, p. 149-169, 2012.

STEFANOWITSCH, A. **The Go-and-Verb Construction in a cross-linguistic perspective: Image-**

TRAUGOTT, E. C. (versão 1997). **The role of the development of discourse markers in a theory of grammaticalization**. Paper from the ICHL XII, Manchester, 1995.

_____. **Constructions in Grammaticalization**. In: Joseph, B. & R. D. Janda. (eds) *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwells. 2003.

TRAUGOTT, E. C. & B. HEINE (eds.). **Approaches to Grammaticalization**. 2.Vols. Amsterdam: John Benjamins. 1991.

WIEDEMER, Marcos Luiz. **Variação e gramaticalização no uso de preposições em contextos de verbos de movimento no português brasileiro**. São José do Rio Preto, 2013.